

Do Bullying ao Massacre: a radicalização de jovens *incels* e os riscos da misoginia violenta no ambiente digital¹

Elisa Maria Curci Grec Huertas²
Carla Montuori Fernandes³

Resumo

Este trabalho investiga os vínculos entre bullying, subcultura *incel* e massacres escolares, a partir da hipótese de que a exclusão social e o sofrimento psíquico podem catalisar processos de radicalização violenta em comunidades virtuais. A pesquisa parte da escassez de estudos empíricos sobre o fenômeno e busca compreender como o discurso *incel*, permeado por misoginia, vitimização e desejo de vingança, se torna terreno fértil para atentados violentos. Utiliza-se uma abordagem qualitativa de revisão bibliográfica, com base em autores como Moskalenko, Ruffo e Bloom, destacando dados sobre saúde mental, ideologia da *blackpill* e os padrões psíquicos desses sujeitos. Conclui-se que embora a maioria dos *incels* não pratique violência, a comunidade abriga um núcleo radicalizado com elevado sofrimento psíquico e histórico de bullying.

Palavras-chave: *incel*; bullying; massacre

Introdução

Massacres escolares, como os de Columbine, Suzano ou Toronto, têm se tornado eventos de grande impacto social, sendo, em parte, atribuídos a jovens do sexo masculino que se identificam com a subcultura *incel* (do inglês *involuntary celibates*). Essa identidade online é marcada por sentimentos de exclusão afetivo-sexual, misoginia, ressentimento e desesperança. Os fóruns *incel*, como o *Incels.co* e o *4chan*, muitas vezes operam como espaços de reforço de discursos de ódio e incentivo à violência, principalmente entre indivíduos com histórico de bullying e sofrimento psíquico.

Objetiva-se analisar os efeitos psíquicos e sociais do bullying e sua articulação com a radicalização de jovens *incels*, investigando como tais sujeitos encontram nas comunidades digitais não apenas acolhimento, mas também estímulo à violência extrema.

Utilizou-se revisão bibliográfica de três estudos: *survey* empírico com 274 *incels* de Moskalenko et al. (2022), o estudo psicanalítico de Ruffo e Costa (2024) e a pesquisa empírica de Bloom et al. (2022) sobre o perfil ideológico e clínico dos *incels*.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação na Universidade Paulista - UNIP. E-mail: elisagrec@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação na Universidade Paulista – UNIP. E-mail: carla.montuori@docente.unip.br.

Análise e Resultados

Segundo Ruffo e Costa (2024) o discurso *incel* é estruturado sobre noções como mundo hostil, privilégio ferido e misoginia, constituindo uma forma de elaboração psíquica falha da posição depressiva, marcada por inveja, ódio e idealizações cindidas do feminino. Já Moskalenko et al. (2022, 2023) demonstram que, entre *incels*, há altíssimos índices de depressão (95%), ansiedade (93%), TEPT (42%) e autismo (74%), além de 86% com histórico de bullying. Embora apenas uma minoria apoie a violência, essa minoria apresenta admiração por assassinos como Elliot Rodger e Alek Minassian, o que indica risco real de ações extremas.

A análise revela uma convergência preocupante: a vivência de bullying e exclusão social durante a infância e adolescência aparece como fator central para a constituição da identidade *incel*. Essa vivência é muitas vezes elaborada por meio de discursos de vitimização, ressentimento e ódio nas comunidades online. Tais espaços reforçam a ideologia da *blackpill*, segundo a qual a aparência e a genética definem o valor do sujeito, tornando qualquer esforço fútil. A radicalização se dá por ciclos de reforço emocional, através de memes, narrativas de “vingança justa” e a construção de “santos mártires”, como Elliot Rodger. Essa estrutura simbólica produz uma lógica de desumanização das mulheres, e da própria figura *incel*, culminando em possíveis impulsos suicidas ou homicidas.

Conclusão

Ainda que a maioria dos *incels* rejeite a violência, o núcleo radicalizado apresenta alto sofrimento psíquico, baixa responsividade a intervenções terapêuticas e forte histórico de bullying. Considerando a escassez de políticas voltadas a essa população vulnerável, o estudo reforça a necessidade urgente de articulação entre educação, saúde mental, justiça e comunicação digital. É necessário criar estratégias de escuta, acolhimento e prevenção ao extremismo, rompendo com os ciclos de isolamento e ódio que caracterizam esse fenômeno emergente.

Referências

BAELE, S. J.; BRACE, L.; COAN, T. G. From “*Incel*” to “*Saint*”: Analyzing the violent worldview behind the 2018 Toronto attack. *Terrorism and Political Violence*, v. 33, n. 8, p. 1667-1691, 2021.

BLOOM, M.; MOSKALENKO, S.; KATES, N. *Incel* Ideology, Radicalization and Mental Health: A Survey Study. *Journal of Intelligence, Conflict, and Warfare*, v. 4, n. 3, 2022.

MOSKALENKO, S. et al. Predictors of Radical Intentions among *Incels*: A Survey of 54 Self-identified *Incels*. Journal of Online Trust and Safety, Stanford University, v. 1, n. 3, 2022.

RUFFO, E. S.; COSTA, P. J. Os *incels*, a desesperança e a misoginia: um estudo psicanalítico. Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 15, n. 3, p. 259-271, set./dez. 2024.